



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE  
DE COMUNICAÇÃO HABILITAÇÃO EM  
JORNALISMO

**MARINA BARBOSA MATOS**

**SAÚDE EM SUAS CORES:**

Agregador de notícias e conteúdos voltados para a saúde da comunidade LGBTI+

SALVADOR - BA  
2019

MARINA BARBOSA MATOS



### **SAÚDE EM SUAS CORES**

AGREGADOR DE NOTÍCIAS E CONTEÚDOS VOLTADOS PARA A SAÚDE DA  
COMUNIDADE LGBT

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom – UFBA) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dra. Carla de Araujo Risso

SALVADOR — BA  
2019

MARINA BARBOSA MATOS

**SAÚDE EM SUAS CORES:**

AGREGADOR DE NOTÍCIAS E CONTEÚDOS VOLTADOS PARA A SAÚDE DA  
COMUNIDADE LGBT

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Carla de Araujo Risso (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Ivanise Hilbig de Andrade

---

Prof. Dr. Sérgio Sobreira

---

SALVADOR, 29 DE MAIO DE 2019

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi um dos maiores desafios que já enfrentei, e, se fui capaz de o fazer, foi por que não estive sozinha neste processo.

Devo agradecer à toda minha família, especialmente meus pais – Cristiane e Marcos - e irmãos. Qualquer coisa que eu escrever será insuficiente para demonstrar a minha gratidão a todos vocês que compraram o meu sonho de fazer esse trabalho acontecer. Um agradecimento em especial a minha mãe, que além de me apoiar em inúmeras revisões e sugestões, também me serviu de inspiração como pesquisadora.

Também tenho que agradecer a meus amigos. Não vou citar um por um – eu com certeza esqueceria alguém e ficaria me culpando com isso – mas obrigada a todos e todas. Não sei como faria isso sem ter vocês para me darem apoio e colo, quando precisei. Espero que um dia eu seja capaz de retribuir tantas horas ao telefone, saídas no meio da semana e a presença – mesmo dos que estão distantes – nesse momento decisivo e tenso.

Agradeço à Produtora Júnior, por me ensinar tanto sobre comunicação, marketing, branding, liderança, mas, principalmente sobre mim. Se hoje acredito que sou capaz de investir no meu sonho mais distante é pela experiência que tive o privilégio de adquirir na instância.

Esse produto foi meu sonho há 4 anos, quando eu mal sabia por onde começar ou qual caminho deveria seguir. Agradeço à FACOM, todos seus professores e funcionários por ter sido a minha casa pelos últimos anos. Meu muito obrigada, também, à minha orientadora, Carla Risso, por todo o apoio e disponibilidade. Obrigada por estar presente. Você foi uma das melhores professoras que tive o prazer de ser aluna na FACOM e com certeza me ensinou muito mais do que esse memorial pode descrever.

Dedico esse trabalho a tantos que eu nem conheço, mas gostaria. Aos companheiros de luta por direitos e dignidade à população LGBTI+, se este trabalho existe é por que queria ser capaz de fazer a diferença na vida dessas pessoas. Espero que *Saúde em suas cores* seja um instrumento de mudança em vidas mais conscientes dos seus direitos e, especialmente, do seu valor. Espero que aprendamos, juntos, que o cuidado primário vem de nós mesmos.

MATOS, Marina. Saúde em suas cores. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. 2019.

## RESUMO

Este memorial busca detalhar e expor as etapas do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA). O produto final desta pesquisa é o agregador de notícias intitulado ***Saúde em suas cores***, criado através do gerenciador de conteúdo *Wordpress* e que pode ser acessado através do link [www.saudeemsuascors.com](http://www.saudeemsuascors.com). Disponível *online*, o projeto aqui proposto tem como objetivo servir como um espaço para pessoas lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, travestis, etc. encontrarem conteúdos disponíveis *online*, que as auxiliem a compreender melhor as suas necessidades de saúde, bem como direitos e especificidades. Os conteúdos dentro dele estão divididos em quatro categorias: saúde física, mental, sexual e políticas públicas voltadas para o tema. Além disso, o projeto também se propõe a criar conteúdos relevantes no que diz respeito à saúde dessa população.

**Palavras-chave:** Saúde, LGBT, jornalismo online, agregador de notícias, digital

*“Mas a nossa hora é essa!  
Não há ameaça que nos assuste nem nos detenha!  
Queremos cidadania plena:  
os mesmos direitos com os mesmos nomes.”*

*Jean Wyllys*

## LISTA DE SIGLAS

A.I: Arquitetura da Informação

AIDS: Acquired Immune Deficiency Syndrome (Síndrome da imunodeficiência adquirida)

CMS: *Content Management System*

DSTs: Doenças sexualmente transmissíveis

GGB-BA: Grupo Gay da Bahia

HIV: Human Immunodeficiency Virus (Virus da imunodeficiência humana)

ISTs: Infecções sexualmente transmissíveis

LGBTI+: Lésbicas, *gays*, bissexuais, transsexuais, travestis e intersexuais

ONGs: Organizações não governamentais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 SAÚDE EM SUAS CORES.....	12
1.2 LINHA EDITORIAL.....	13
1.3 ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO.....	14
1.4 SAÚDE EM SUAS CORES NA PERSPECTIVA DO MARKETING.....	17
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>19</b>
2.1 IDENTIDADE E PLURARIDADE: DE QUEM FALAMOS NESTE TRABALHO.....	19
2.2 A COMUNIDADE LGBTI+ NO BRASIL.....	22
2.3 A VIVÊNCIA LGBTI+ NOS ESPAÇOS DE SAÚDE.....	27
2.3.1 NECESSIDADES ESPECIFICAS DAS MULHERES LÉSBICAS.....	28
2.3.2 NECESSIDADE ESPECIFICAS DE HOMENS GAYS.....	29
2.3.3 NECESSIDADES ESPECIFICAS DE PESSOAS BISSEXUAIS.....	30
2.3.4 NECESSIDADES ESPECIFICAS DE PESSOAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS.....	31
2.4 A COMUNIDADE LGBTI+ ENQUANTO PÚBLICO ALVO.....	32
2.5 AGREGADORES DE NOTÍCIA E CULTURA DA CONVERGÊNCIA.....	32
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....</b>	<b>36</b>
3.1 IDENTIDADE VISUAL E DESIGN DE INTERFACE.....	36
3.2 PROCESSOS E PAUTAS.....	38
3.3 SELEÇÃO DE NOTÍCIAS E CONTEÚDOS.....	40
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>49</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Um dia, muitos anos antes desse trabalho ser uma ideia em minha mente, decidi cursar Jornalismo com apenas uma justificativa: acreditar que a informação é capaz de transformar vidas. Quando ingressei na universidade, dentre tantos outros, conheci o movimento LGBTI+, com o qual me identifiquei prontamente. Aprendi, conversei e identifiquei dentro dele lacunas que acreditava poder contribuir para preencher. Estava decidido: meu Trabalho de Conclusão de Curso seria um produto que abordaria as questões da saúde da comunidade mais colorida e diversa que tive oportunidade de conhecer e mergulhar de cabeça.

Este projeto vem de demandas muito próximas e outras um pouco distantes. Em inúmeras conversas, desabaços e pesquisas pude identificar, sem muito esforço: as pessoas LGBTI+ precisam de cuidado e atenção. É preciso viver mais no país que mais mata pessoas por conta de sua orientação sexual e identidade de gênero em todo o mundo. Essa mudança irá ocorrer gradativamente e o primeiro passo está em conhecer corpos, riscos e hábitos.

Na universidade compreendi fatores-chaves que me motivaram ainda mais a fazer deste projeto realidade, dentre eles as relações de poder que tensionam o nosso existir cotidiano, de que maneiras os critérios de noticiabilidade que norteiam publicações atuam e a importância da representação de grupos sociais não dominantes.

Compreendi que eu gostaria de ver pessoas LGBTI+ ocupando espaços diversos - e não apenas os que tratam de entretenimento ou humor. Gostaria de ver pessoas LGBTI+ no ramo da saúde e da comunicação, falando para pessoas como elas, que buscam entender claramente como cuidar da sua saúde mental, sexual e física, e, se tornarem mais conscientes dos seus direitos. Compreendi também que esse tipo de conteúdo é escasso, especialmente em uma linguagem clara e coerente para ser entendida por todos e todas, sem se apoiar em termos técnicos e acadêmicos que dificultam a compreensão daqueles que não tiveram o privilégio de estudar em grandes universidades, mas querem cuidar da saúde.

Acredito que a ausência desses conteúdos disponíveis para livre acesso é uma carência que atinge em níveis muito mais elevados pessoas que não contam com os mesmos privilégios que eu.

Após uma breve passagem pelo curso de Relações Públicas, tive um grande interesse despertado na área da Assessoria de Comunicação e do Jornalismo Digital, que obviamente se fortaleceu com a minha entrada na Faculdade de Comunicação. Desde a minha primeira experiência profissional, na Produtora Júnior até os estágios que passei, sempre tive como foco o jornalismo digital e o *social media*. Acredito muito na Internet como um meio democrático, capaz de aproximar pessoas, e sou uma grande entusiasta da produção de conteúdo relevante e com propósito *online*, que alcança lugares nunca antes imaginados. Ademais, o custo da informação também é um fator importante do meio, os custos para produzir conteúdo *online* e também para receber esse conteúdo são consideravelmente mais baixos, o que contribui para a sua acessibilidade, fator decisivo na elaboração deste projeto.

Pelos motivos citados acima, optei por disponibilizar os conteúdos mais relevantes que se relacionam à comunidade LGBTI+ em um site, criado na plataforma *WordPress*, escolhida por ser a CMS (*Content Management System*) líder no seu mercado e disponibilizar, de maneira simples e dinâmica diversas ferramentas que facilitam o processo.

Acredito que o projeto aqui proposto une um trabalho com impacto e a centralização e produção de conteúdo específico que atinja públicos pouco priorizados por tantos outros sites, canais, publicações e produtos multimídias.

## 1.1 SAÚDE EM SUAS CORES

*Saúde em suas cores* busca reunir e produzir conteúdos relevantes no que diz respeito à saúde da comunidade LGBTI+. Por se tratar da inclusão de um grupo social poucas vezes tido como protagonista e público alvo, os conteúdos indicados e produzidos pelo site devem estar balizados na inclusão, diversidade e democracia, sempre passando por uma curadoria, de maneira a garantir que a informação que chega ao seu público é relevante e confiável. O nome do produto faz referência à premissa de que não apenas de

disponibilizar a informação sobre a saúde, mas também de que o tratamento e estudo devem ser processos pensados a todo o momento para serem inclusivos a todos e todas.

Segundo Rublescki (2011), o jornalismo atua como um sistema composto por subsistemas - dentre eles jornal impresso, TV, rádio, blog-jornalístico e *webjornal* - tendo cada um deles linguagem e fluxo comunicacional próprios. Visando uma maior liberdade no que diz respeito à produção e agregação de conteúdo em diversos formatos, o produto está disponível na forma de um site, que permite além do redirecionamento do banco de dados, mas também a produção de reportagens, artigos e matérias que coloquem a saúde LGBTI+ como pauta da maneira correta.

*Saúde em suas cores* existe para ser referência na busca, curadoria e produção de conteúdo voltado para a saúde integral da pessoa LGBTI+. Além disso, o produto visa a contribuir para que a compreensão de questões relacionadas à saúde seja maior e para que aqueles que participem dela sejam incentivados a cuidarem de seus corpos e mentes. Através disso, o projeto pretende também, de maneira indireta a incentivar assim um atendimento de saúde mais completo e que, de fato, leve em consideração questões pertinentes à saúde da minoria social citada, que por sua vez estará mais bem preparada para exigir um atendimento completo e que atenda às suas necessidades.

É fundamental, portanto, no processo de criação de pautas e conteúdos autorais, pensar em assuntos pouco tratados pelos meios de comunicação até então, a fim de aumentar a compreensão de homens/mulheres gays, bissexuais, lésbicas, transexuais e travestis, dentre outros acerca de questões pertinentes à sua saúde e, conseqüentemente, diminuir o ruído na comunicação que tem como eixo central a temática.

A ideia de funcionar não apenas como um espaço para produção de conteúdo próprio vem da importância de concentrar o escasso material que já existe sobre o assunto em um só espaço, além de criar uma rede acerca da temática que garanta que o público tenha acesso, através do site, a informações necessárias e coerentes.

## 1.2 LINHA EDITORIAL

A escolha dos conteúdos presentes no *Saúde em suas cores* pretende facilitar o compartilhamento de informações relevantes e coerentes para a parcela da população que tem interesse em se informar sobre as questões da saúde da comunidade LGBTI+.

A curadoria e análise dos conteúdos dispostos no site é importante para evitar que discursos que reproduzem a LGBTfobia e outras formas de discriminação se alastrem. Ademais, uma outra diretriz fundamental para a escolha de conteúdo é dar prioridade a conteúdos, artigos e materiais produzidos por pessoas que participam do grupo, como uma tentativa de trabalhar a representação e divulgação destas.

Portanto, divulgar conteúdos que reproduzem homofobia, lesbofobia, transfobia e machismo não se encaixa com a proposta do projeto aqui apresentado, que busca, indiretamente, fortalecer os membros da comunidade LGBTI+ fazendo com que viva mais e com mais qualidade de vida no país que mais os mata em todo o mundo.

Na pesquisa realizada para viabilizar esse projeto, foi possível observar que falta uma ampla gama de conteúdos no que diz respeito à saúde LGBTI+, sendo o assunto tratado muitas vezes por veículos de comunicação de maneira rasa, abordando apenas a questão da saúde sexual de uma parcela da comunidade e deixando às sombras as necessidades e carências de todo o resto dela. Também foram identificadas entrevistas sempre com as mesmas fontes (em sua maioria médicos) e com perguntas e pautas muito semelhantes, trazendo pouca inovação e diversidade.

A produção de conteúdo autoral do próprio site também é fundamental para existir a possibilidade de trabalhar diretamente com a comunicação e produzir conteúdo pouco ou nunca vistos antes, mas que merecem espaço e destaque, contribuindo para a maior acessibilidade de materiais.

A ideia central é que *Saúde em suas cores* se torne referência na busca por informação e estudo de questões que se ligam à saúde sexual, psicológica, mental e física da comunidade LGBTI+, servindo de facilitador nesse processo.

### 1.3 ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

Se tratando de um site, o *Saúde em suas cores* deve obedecer alguns princípios básicos da arquitetura da informação para garantir que a sua navegabilidade seja simples e o usuário compreenda facilmente como pode encontrar as informações que precisa sem maiores problemas.

Arquitetura da informação (A.I) ou Arquiteto da informação foram termos criados como uma metáfora por Wurman em *Information of Architecture*, publicado no Brasil em 1991 (RIBEIRO E VIDOTTI, 2009). A definição de arquiteto da informação é

Arquiteto da Informação seria o indivíduo capaz de organizar padrões inerentes aos dados, tornando clara sua complexidade, e capaz de criar estruturas ou planejamento de informações que permitam aos outros encontrarem seus caminhos pessoais para o conhecimento (WURMAN *apud* Albuquerque e Marques, 2011).

Segundo SARMENTO e SOUZA (2002), foi criada uma tentativa de descrever como construções, transportes e trabalhadores podiam interagir entre si em um ambiente urbano. A partir desse momento Wurman obteve um maior interesse nas formas como essas informações poderiam ser reunidas, organizadas e apresentadas de diversas maneiras a públicos variados. Salienta-se que nesta época Wurman relacionava a A.I. com o gerenciamento informacional somente no âmbito das organizações. Com o desenvolvimento da informação digital é que ocorreu o emprego do termo com as questões focadas na web, como ocorre atualmente.

Com o surgimento e a popularização da internet, os conteúdos disponibilizados nela se diferenciam dos produzidos por veículos de comunicação tradicionais. Na rede, as pautas e temas podem ser produzidos de maneira mais rápida e, conseqüentemente, trazem mais dinamismo para o consumidor da informação (WOLLINGER, 2016).

CASTELLS (2003) define a Internet como um conjunto de nós interconectados, a comparando a um motor elétrico pela sua capacidade de distribuição de informação, sendo um meio de comunicação de muitos com muitos além de marcar fortes características como a flexibilidade e adaptabilidade.

Com a evolução, a web ganha novas características muito marcantes, como a possibilidade de criação de espaços interativos e de modificação de conteúdo pelos usuários. (BLATMANN E SILVA, 2007)

Para REIS, G.A (2007), a Arquitetura da Informação busca garantir que a informação esteja organizada de maneira a ser encontrada e assimilada facilmente por quem a procura. Apesar de, inicialmente, ter sido pensada para veículos de comunicação impressos, hoje a disciplina tem como objeto de estudo majoritariamente os *websites*. A apresentação dos *sites* também é um ponto relevante para garantir a sua boa usabilidade - considerando também a variedade de dispositivos disponíveis no mercado hoje, de

*desktops* a dispositivos móveis. O autor também marca algumas características básicas da organização dos sites:

Um projeto de arquitetura da informação produz, como produto final, documentos que especificam toda a organização informacional do *website* (DIJICK, 2003) com duas características básicas:

- Registrar as regras de classificação, ordenação, navegação, rotulação e busca do *website*
- Demonstrar a aplicação dessas regras nos conteúdos e serviços do *website*, gerando mapas de navegação (sitegramas e fluxos de navegação, esquemas das páginas (*wireframes*) e o vocabulário controlado. (REIS, 2007, p.65)

Para GARRET (2011), conforme citado por GUIMARÃES E SOUSA (2016, p. 275) existem cinco elementos decisivos para a compreensão da experiência do usuário na Web. O primeiro elemento é a estratégia, a necessidade de entender os motivos pelos quais as pessoas que navegam no website querem sair dele, antepondo, a uma saída aleatória, a finalização da tarefa de maneira satisfatória. O escopo do site, segundo elemento, é a etapa na qual suas características e funções são definidas para a conclusão da estrutura do site, que, correspondente ao terceiro elemento. Durante a estruturação, se define como os usuários têm acesso à página e para onde eles poderiam ir quando concluírem a navegação. O quarto elemento é a projeção do “esqueleto” do site, composto por botões, fotos e blocos de texto. O esqueleto é desenvolvido com o propósito de aperfeiçoar a organização desses elementos de modo a torná-los mais eficientes. Por fim, o último elemento a ser elaborado é a interface do website, composta por imagens e textos.

Segundo CAMARGO (2010, p. 20):

A construção de uma metodologia de desenvolvimento a partir da AI que aborde personalização e customização originou da constatação da grande quantidade de usuários e informações heterogêneas existentes na Web e conseqüentemente, da dificuldade de recuperação da informação certa para o usuário certo. Assim, esses recursos surgem como um direcionamento de informações específicas para determinados tipos de usuários ou grupos de usuários.

Os agregadores de notícias revolucionam o jornalismo *online*, que por sua vez é compreendido pela coleta e distribuição de informações através de redes de computadores – como a *Internet* – ou meios digitais (ROCHA, 2000). Esses sites surgem na era da *web*

3.0, definida como a evolução de uso e interação através da *Web*, que a transforma em um banco de dados (NAIK E SHIVALINGAIAH, 2008).

Operacionalmente, o trabalho de republicar informações dentro de um site pode ser feito manualmente, pelo jornalista ou editor, ou um algoritmo ou ainda uma fusão desses dois trabalhos. (SANTOS 2016)

Segundo a autora, o *Google Notícias* é um *feed agregator*, ou seja, um *website* que agrega uma grande quantidade de outros *websites* e/ou *media* tradicionais, de acordo com fontes, assuntos ou histórias. O sistema funciona com um algoritmo, que escolhe quais são os conteúdos mais proeminentes na página, considerando principalmente a atualidade e sem participação de um jornalista/editor. Um segundo tipo de agregador é caracterizado por reunir conteúdos de diversas fontes e diversos veículos de comunicação, além de conteúdos produzidos por agências de notícias, tendo uma equipe de editores e jornalistas trabalhando dentro dele. Referências deste tipo de agregador são o MSN Notícias e o Yahoo News. A terceira modalidade é exemplificada por agregadores como o Sapo.pt e o *The Huffington Post*, que disponibilizam também conteúdos de parceiros, inclusive agências de notícias. No Brasil, temos como exemplos de agregadores de notícias os sites Quebrando o Tabu e Catraca Livre.

#### 1.4 SAÚDE EM SUAS CORES NA PERSPECTIVA DO MARKETING

Segundo a *American Marketing Association*, a definição de Marketing consiste na atividade, grupo de instituições e processos para criar, comunicar, entregar e trocar ofertas que têm valor para clientes, parceiros e sociedade de um modo geral.

Nos últimos 60 anos a ciência evolui, assim como a relação do consumidor com os produtos, deixando de estar centrada meramente nos objetos materiais que podem ser adquiridos. O marketing 2.0, que surge na Era da Informação tem como preocupação central as necessidades e desejos do consumidor, o entregando produtos, serviços e campanhas. O marketing 3.0 é centrado no cliente e posteriormente evolui para a sua versão 4.0. Nela, é possível observar a fusão das interações cliente-empresa que ocorre, sim, no *online*, através do suporte das redes, mas também no *offline*. Há uma grande preocupação em ser capaz de satisfazer o consumidor, além de conhecer e responder os seus medos, desejos e anseios. (KOTLER, 2017; GOMES E KURY, 2013)

Pensar e idealizar *Saúde em suas cores* como um projeto de Marketing de Causa é fundamental. As principais características dessa modalidade são ter como objetivo fazer do mundo um lugar melhor, ter a nova onda de novas tecnologias como força propulsora, ter como proposta de valor ser funcional, emocional e espiritual e ter como característica da sua interação com os seus consumidores um sistema colaborativo “um para muitos”.

Por esse motivo, *Saúde em suas cores* se apresenta como um projeto que tem como forte característica a colaboração e a busca por criar uma rede colaborativa entre membros da comunidade LGBTI+, respeitando a todo momento as suas individualidades e vivências e também, de certa maneira, atuar na diminuição do constante sentimento de solidão que é fortemente presente nas suas vidas. O planejamento que visa estabelecer um *branding* consistente para a marca deve visar atingir o maior número de pessoas possíveis, atendendo às suas necessidades e atuando na desmistificação, despatologização e desconstrução dos estigmas que cercam a grande questão trabalhada neste projeto.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. IDENTIDADE E PLURALIDADE: DE QUEM FALAMOS NESTE TRABALHO?

*Saúde em suas cores* é um *site* que visa a fomentar a atenção e cuidado com a saúde da comunidade LGBTI+ disponibilizando conteúdos relevantes em relação ao tema. É fundamental frisar que a comunidade, que tem como grande característica a diversidade, não poderá nunca ser completamente contemplada neste trabalho. Resumir tantas vivências diversas e únicas é uma tarefa complexa. Assim, *Saúde em suas cores* não tem como objetivo central retratar todas essas vivências, mas sim ser um espaço aberto e credível para que pessoas LGBTI+ encontrem informações relevantes e confiáveis a respeito dos cuidados com a sua saúde.

Compreender a identidade LGBTI+, considerando toda a sua pluralidade, não é tarefa fácil. HALL define o conceito de identidade como:

Um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma “unidade imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças - supostamente superficiais. [...] As identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente



em processo de mudança e transformação (HALL, 2008, p. 108)

A criação de *Saúde em suas cores* se apoia em alguns aspectos do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que tem como base o direito fundamental do cidadão informar, ser informado e ter acesso à informação. Também leva-se em consideração o dever do profissional se opor ao arbítrio, autoritarismo e opressão, defender os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos; lutar pela liberdade de pensamento e expressão; defender os direitos do cidadão e contribuir para a promoção das garantias individuais e coletivas, especialmente de crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias e combatendo a perseguição e discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (FENAJ, 2007).

De antemão é preciso fazer algumas definições que contribuirão para a maior compreensão e clareza deste memorial e do trabalho como um todo. Neste trabalho, quando é feita referência a orientações sexuais, assume-se o conceito de serem “a capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas” (PRINCÍPIOS, 2006, p.7). Quando fala-se de identidade de gênero utilizaremos a definição do mesmo material:

Compreendemos identidade de gênero a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (PRINCÍPIOS, 2006, p.7)

Portanto, se a orientação sexual serve como balizador das relações interpessoais que as pessoas experienciam, é preciso discorrer sobre as conhecidas até hoje. Todas as definições colocadas neste trabalho são retiradas do Manual de Comunicação LGBTI+, elaborado pela Aliança Nacional LGBTI e pela Rede *Gay Latino*, documento de referência para profissionais de comunicação e jornalistas que visa contribuir para a diminuição de estigmas e preconceitos e melhorar a compreensão e a acessibilidade de conteúdos que tratam da comunidade. Quando se refere a uma mulher lésbica, quer dizer sobre uma mulher que se atrai sexual e/ou afetivamente por outras mulheres (sendo essas cisgênero ou transgênero). Um homem *gay*, diz respeito a um homem que sente atração

sexual e afetiva por outros homens (sendo, também, *cis* ou *trans*). Já as pessoas bissexuais se relacionam afetiva e sexualmente com homens e mulheres. O manual define também a pessoa heterossexual enquanto aquela que se sente atraída sexual e afetivamente por pessoas do gênero oposto àquele com o qual se identifica. (REIS, T., 2018)

Sendo assim o conceito de identidade de gênero usado neste trabalho é baseada na compreensão da experiência sentida profundamente interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao ~~mesmo~~ sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo podendo envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (PRINCÍPIOS. 2006, p7).

Ao se falar de identidade e expressão de gênero, alguns conceitos devem ser destrinchados. As pessoas *cisgênero* se identificam com o seu sexo biológico, ou seja, o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Já a *transexual* se sente pertencente ao gênero oposto ao que foi atribuído a si em seu nascimento. Bento (2008) sugere que a transexualidade é a reivindicação de uma identidade de gênero oposta à informada pela genitália ainda devem ser considerados aspectos ligados a experiências culturais e sociais que também são levados em conta na compreensão das identidades de gênero e orientações sexuais.

BUTLER (2003) questiona essas construções “Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente? [...] Como e onde ocorre a construção do gênero?” É fundamental levantar uma discussão acerca de padrões e construções sociais que afetam maneiras de viver, ações e pressupostos. Afinal, o que, além de um órgão genital e um sistema reprodutor, faz com que homens sejam homens e mulheres sejam mulheres? O que significa masculinidade? E feminilidade?

Seria errôneo trazer essa discussão como algo contemporâneo. Diversas obras, desde o período vitoriano, discutem as ideias de masculinidade e feminilidade. O termo “sexualidade”, por exemplo, é usado pela primeira vez no século XIX. A princípio existe uma tentativa de estabelecer quais seriam as diferenças entre os homens e as mulheres baseado no *one sex model*, que colocava a mulher como o contrário do homem. O falo desde então representava a superioridade masculina. O estabelecimento de teorias posteriores mantém como base a inferioridade feminina baseada em questões anatômicas. Na passagem para o século XIX, com o surgimento da teoria do *two sex model*, o que

marca a oposição entre os gêneros são questões políticas e ideológicas, mas ainda é percebido que a mulher ocupa um lugar inferior, sendo vista como um complemento do corpo masculino. É neste século ainda que a discussão sobre gêneros se estabelece na cultura, através de regras e padrões sociais. Com os *estudos de gênero* e tantas outras mudanças sociais pós-modernas é possível enxergar, ainda que a passos lentos, uma constante redefinição de padrões de masculinidade e feminilidade (SILVA, 2000). Deve-se considerar aqui todas essas ideias como fortalecedoras de uma lógica binária no que diz respeito a gêneros, o que é limitante para aqueles que se intitulam enquanto pessoas não binárias.

Os conceitos de gênero e sexo muitas vezes geram certa confusão em sua teoria, portanto, neste trabalho será usada a seguinte definição:

Embora muitos autores possam utilizar os termos sexo e gênero como sinônimo, trata-se de dois conceitos que se refletem a aspectos distintos da vida humana, sexo não é gênero, ser fêmea não significa ser mulher, ser macho não significa ser homem. Humanos são animais auto-reflexivos e criadores de cultura. O sexo biológico com o qual se nasce não determina, em si mesmo, o desenvolvimento posterior em relação a comportamentos, interesses, estilo de vida, tendências das mais diversas índoles, responsabilidades ou papéis a desempenhar, nem tampouco determina o sentimento ou a consciência de si mesmo/a, nem das características da personalidade, do ponto de vista afetivo, intelectual ou emocional, ou seja, psicológico. (MUNIZ E SILVA, 2007, p. 2)

Dentre tantas definições é preciso considerar que o movimento LGBTI+ é uma organização social que engloba pessoas com vivências únicas e plurais que se ligam muito fortemente a questões culturais diversas. Sobre isso é importante destacar que:

O "eu" e o "nós" que agem não desaparecem, mas o que desaparece é a noção de que essas categorias são entidades unificadas, fixas e já existentes[...] continuamente marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas. [...] (BRAH, 2006, p.361)

## 2.2. A COMUNIDADE LGBTI+ NO BRASIL

Em 2018 o movimento LGBTI+ completou 40 anos no Brasil. Remontar essa trajetória no Brasil implica trazer a este trabalho um longo histórico, com avanços e digressões. A reflexão proposta parte desses pressupostos para compreender como realmente é tratada a comunidade LGBTI+ no Brasil. As premissas de liberdade da Constituição Federal se cumprem no tratamento e na existência LGBTI+?

Ao contrário do que dizem as línguas conservadoras, o relacionamento e a atração entre indivíduos do mesmo gênero não é exclusividade da raça humana e, muito menos, se popularizou recentemente - os comportamentos em diversas espécies, de mamíferos a insetos, se aproximam da homo e bissexualidade. (HOGENBOOM, 2015)

Os anos 60 são considerados mundialmente como um marco na linha do tempo da ascensão de pautas e discussões libertárias, principalmente de luta dos movimentos até então denominado como *gay* e feminista. É, também, nesse ponto que quando é possível ver mulheres lutando por direitos, educação, trabalho e respeito se começa, ao mesmo tempo, a discutir as questões de gênero. (MUNIZ E SILVA, 2007, p. 2). Além disso, o período abre muitas portas na discussão da sexualidade - anticoncepcionais começam a ser comercializados, no Ocidente é levantado um grande questionamento sobre o corpo enquanto uma fonte de prazer e não meramente de reprodução, dentre outros.

Apesar destes avanços, a década também representou um período marcado pela repressão e retrocessos na América Latina. O Brasil sofreu o golpe militar que faria com que muitos direitos e discussões se perdessem - ao menos institucionalmente - já que agora teriam o *status* de ilegais. Com a promulgação do AI-5, em 1968, as medidas começaram a ser mais severas. A vida íntima, agora no controle dos militares, passa a se encher de proibições. Os cidadãos, portanto, passam a conhecer o que é viver uma vida amedrontados pelo medo de serem vigiados e perseguidos. O relatório da Comissão Nacional da Verdade já ilustra, com casos de investigação de “homossexualismo” no Ministério das Relações Exteriores e coloca como recomendação a supressão de referências discriminatórias das homossexualidades.

Apesar disso, o momento também se caracterizou pela expansão de cidades e pelo crescimento da classe média brasileira, fazendo com que os olhares dos que tinham orientações sexuais não tradicionais se ampliassem. Em 1978 foi formado o Grupo SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual/ SP, pioneiro na luta pelos direitos da população homossexual. A partir do surgimento deste grupo já é possível observar alguns pontos importantes, como por exemplo, os problemas em relação à identidade e representação daqueles que o constituíam – as mulheres relatavam que os homens tinham atitudes discriminatórias e posteriormente deixaram de atuar no grupo para criar o Grupo de Ação Lésbico Feminista. (CULT – Revista Brasileira de Cultura, 2018).

A primeira organização LGBTI+ no Brasil traz à tona algumas problemáticas ainda presentes atualmente nas discussões dentro do movimento, como a grande evidência dada aos homens *gays*, a bifobia e a transfobia. É importante ressaltar que membros da comunidade LGBTI+ não estão necessariamente imunes de ter atitudes preconceituosas e excludentes, ainda que com os seus companheiros de luta, sendo este um trabalho constante de desconstrução e quebra de paradigmas. Não é preciso um longo tempo para que o grupo SOMOS comece a ser palco de diversos embates, principalmente das mulheres presentes ali, que criticavam as atitudes dos homens do grupo. Posteriormente, o grupo não consegue mais se estabelecer plenamente, devido a ruptura política - divergências em relação a orientações políticas e classes sociais internas.

Os anos 70 são marcados pelo surgimento do então conhecido “movimento homossexual” no Brasil. Com o tempo, o movimento começa a tomar uma forma mais definida enquanto organização social - com organizações mais diversificadas passando a reivindicar direitos em todos os níveis do Legislativo, sempre em busca de incorporar a sua demanda. Além disso ocorre também a mudança de concentração de grupos do eixo São Paulo-Rio para o eixo Rio-Nordeste - berço de iniciativas como o Grupo Gay da Bahia e o *Lampião da Esquina*, importante jornal nacional que circulou entre 1978 e 1981. (FACCHINI E LINS FRANÇA, 2009)

No caso do Grupo *Gay* da Bahia, criado em 1981, hoje a organização ainda atuante mais antiga do país. Durante a ditadura, as organizações que faziam parte do movimento se opunham de maneira direta ao Estado, mas começa-se a se perceber que é necessário se aliar a instituições de forma a consolidar uma atuação focada em obter, de instituições governamentais e ONGs, financiamento, políticas públicas e direitos.

O período da ditadura militar - de 1964 a 1985 - fortaleceu preconceitos relacionados à moralidade e sexualidade, que por vezes se disfarçou como uma preocupação com a segurança do país, das crianças e da família. É possível fazer uma relação com a hipótese *third person effect* (efeito de terceira pessoa), que se mostra sobretudo na representação midiática é originado pela crença de que determinada mensagem transmitida está errada, pois diverge dos valores, posições e fatos que explicita e que não a atinge de forma alguma, mas é, sim, capaz de persuadir uma terceira pessoa. Nesse cenário, a relação afetiva e sexual passa a gerar no Estado e na opinião pública uma inquietação, que, sem grandes obstáculos se transforma em repressão e

perseguição. (GOMES E BARROS, 2014; CULT – Revista Brasileira de Cultura, 2018).

Os anos 90, por sua vez representam um período de marcos importantes para o movimento LGBTI+ no Brasil. Em 1995 o projeto de lei 1151/1995 regulamenta a parceria civil entre pessoas do mesmo gênero e a partir dos anos 2000 é possível observar um maior crescimento de grupos e organizações que se identificavam com a causa LGBTI+. Com isso também surgem outras nomenclaturas - o que começou como “movimento homossexual” foi se tornando um movimento amplo com inclusão de *gays* e lésbicas; e a partir de 1999 se transforma em movimento de *gays*, lésbicas e travestis até ser popularizado como movimento GLBT/LGBT (sendo a primeira sigla alterada para dar maior visibilidade às lésbicas. É importante frisar que não há unanimidade nas nomenclaturas usadas para se referir à comunidade e por isso o trabalho aqui proposto utiliza a sigla LGBTI+, como defende o Manual de Comunicação LGBTI+.

Outro marco para este movimento foi a epidemia do vírus do HIV e da AIDs. O estado e instituições políticas para contribuir com o enfretamento do vírus que atinge 27 vezes mais homens que se relacionam sexualmente com outros homens e 13 vezes mais mulheres transexuais, segundo dados atualizados da UNAIDS.<sup>1</sup> A doença afetou de forma mais intensa e direta os homens *gays*, mas também homens e mulheres bissexuais, travestis e transexuais, no início dos anos 80. A situação, ao mesmo tempo que dá mais visibilidade para o movimento LGBTI+ – e mostra que as questões relacionadas à sua saúde são importantes –, também tem um grande peso na estigmatização e na marginalização dos integrantes do movimento perante a sociedade de um modo geral, pois essas pessoas passam a ser vistas como vetores da doença, que era chamada erroneamente de “peste gay”, nomenclatura que demonstra uma forte carga de preconceito e estigmatização. Enquanto os homens *gays* são vistos de tal maneira, as outras pessoas que poderiam ser atingidas pela doença são invisibilidades e silenciadas.

Nesse ponto, surgem no Brasil, políticas públicas importantes na garantia dos direitos da comunidade LGBTI+, que por sua vez vão se ampliando cada vez mais. O programa “Brasil sem Homofobia”, lançado em 2004, visa o combate à discriminação e a violência contra LGBTI+, ao mesmo tempo que busca promover a cidadania

---

<sup>1</sup> Os dados citados estão disponíveis no site da UNAIDS no link <<https://unaid.org.br/estatisticas/>>

homossexual por meio da produção de conhecimento que permita a implantação de políticas públicas e reafirmar a importância do combate à homofobia, considerando ser este o dever do Estado e da sociedade brasileira, a qualquer tipo de discriminação e violência.

É importante ressaltar que os serviços públicos de saúde deram um grande salto de qualidade no atendimento à população LGBTI+, mas apesar disso continuam enfrentando diversas barreiras para construir e consolidar como serviços não discriminatórios, uma vez que estes ambientes representam um reflexo do poder exercido por uma sociedade, onde heterossexualidade é um padrão imposto. Esse padrão é chamado de heteronormatividade, ou seja, é uma ideologia patriarcal que invoca, segundo FOSTER (2001, p.49 *apud* Miranda, 2010) a urgência imperativa de ser heterossexual, defendendo a preferência heterossexual a todo o momento e sendo inquestionável enquanto norma e lei social. Através desta ideologia (ou através desta conceito), aquilo que foge do padrão - como ser LGBTI+ - fica confinado como uma minoria excepcional e que, graças à essa dinâmica social e outras, pode ser repudiada pela quebra da homogeneidade que a heteronormatividade sugere.

Avanços consideráveis foram feitos durante anos de trabalho de diversas políticas públicas - desde a retirada da homossexualidade do quadro de doenças mentais em 1990 até a possibilidade de alterar o nome do cidadão transexual em documentos mesmo sem ter realizado a cirurgia de redesignação sexual. Graças à Política Nacional de Atenção Especial a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a preocupação em cuidar de forma integral da saúde da comunidade LGBTI+, se torna maior do que apenas combater o vírus do HIV.

No âmbito internacional é preciso reiterar, no entanto, que foi apenas em 2018 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que a transexualidade seria retirada da lista de doenças mentais. Em 2017 o Brasil bateu o recorde no número de mortes por homolebotransfobia, segundo relatório<sup>2</sup> do Grupo Gay da Bahia (GGB - BA). Em 2018 foram feitas 420 vítimas, segundo o relatório<sup>3</sup> referente ao ano.

---

<sup>2</sup> O relatório referente ao ano de 2017 está disponível no link <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em 09 de maio de 2019.

<sup>3</sup> O relatório do ano de 2018 está disponível em

É impossível negar os avanços ocorridos ao longo desses 41 anos, entretanto, estes foram acompanhados de muitos retrocessos, como foi possível observar no breve histórico feito neste tópico. A disputa e a tensão que envolve o tema talvez nunca cessarão, e a luta por direitos, dignidade, liberdade e equidade é e deve ser constante. Melo, Braz, Freitas e Avelar (2012) esclarecem:

No Brasil e no mundo, as lutas políticas em torno da garantia de direitos civis para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais ainda está muito longe do fim. Não há aqui, nos EUA, na França, em Uganda ou no Japão, para ficarmos com alguns exemplos aleatórios, um acordo social minimamente pactuado que assegure os direitos civis de integrantes destes segmentos sociais. A homofobia de Estado institucionalizada legalmente na forma de desproteção jurídica para pessoas LGBT em várias esferas da vida social não encontra nenhum paralelo quando comparada a outras fontes de opressão, como o machismo e o racismo, mesmo nos ditos países democráticos na contemporaneidade. (MELO, BRAZ, FREITAS E AVELAR, 2012, p. 158)

### 2.3. A VIVÊNCIA LGBTI+ NOS ESPAÇOS DE SAÚDE

Analisar historicamente o caminho que a saúde da comunidade LGBTI+ percorreu para ter garantias e direitos é necessário para se ter compreensão da dimensão de conquistas e tamanho de retrocessos. É preciso também visualizar e compreender os espaços de saúde (consultórios médicos, postos de saúde, clínicas psicológicas, dentre outros) como espaços de disputa de poder. Se a heterossexualidade compulsória e a patologização da transexualidade existem, não é surpreendente que sejam forças que agem nos indivíduos na sua busca por serviços de saúde.

Os seres humanos são seres gregários. Isso quer dizer que os indivíduos têm a necessidade de estar perto de seus semelhantes e, especialmente, estarem juntos um dos outros. A frase dita por Tom Jobim em uma música, “é impossível ser feliz sozinho” se mostra como uma premissa verdadeira - juntos, somos capazes de resolver problemas e realizar tarefas com maior agilidade e rapidez. (COUTINHO, 2012, p.10). Ainda segundo a esta autora “quanto mais os aparatos tecnológicos se desenvolvem e se tornam acessíveis economicamente, maior alcance e difusão as informações alcançam, trazendo cada vez mais a sensação de "tribo" às sociedades contemporâneas.” (COUTINHO, 2012, p. 39)

Um receio frequente trazido à tona nas entrevistas feitas para elaboração do site



*Saúde em suas cores* era justamente a solidão e a sensação de desamparo. Ao se ver sem apoio familiar, sem poder ser quem se é no trabalho e ter que estar sempre “escondido”, a pessoa se sente angustiada e solitária. SEDGWICK (2007) indica, inclusive, que mesmo quando se fala de pessoas já assumidas em relação à sua sexualidade, é muito difícil que se chegue ao ponto em que não existirá, em algum momento, a necessidade de “se assumir” novamente para pessoas que são importantes em algum nível - no âmbito econômico, institucional ou pessoal.

Segundo LISBOA E LUANA (2015):

O modelo heteronormativo, racista, machista e homofóbico que impera na sociedade atual gera dificuldades para a efetivação das políticas públicas que visam assegurar direitos àqueles que são cotidianamente marginalizados e discriminados e o Sistema Único de Saúde, que deveria ser uma política universal para além do papel, acaba entrando na mesma lógica que as demais políticas, tendo uma série de obstáculos, portanto, que impedem e dificultam sua real concretização e efetivação quando o assunto são os direitos da população LGBT ao acesso à saúde.

Um outro aspecto preocupante quando se refere à vivência de pessoas LGBTI+ é o despreparo de profissionais da saúde para lidar com as suas demandas específicas, deixando preconceitos de lado para realizar um atendimento que efetivamente acolha estas pessoas. São poucas as políticas públicas que objetivam conscientizar os profissionais da saúde de como atender, de forma mais coerente, homens e mulheres LGBTI+. ROCHA, SOUZA E CAVADINHA (2019) avaliam as diretrizes curriculares nacionais dos cursos da área de saúde, observando assim uma insuficiência no foco em equidade no atendimento à saúde. Como esperar que o atendimento em espaços de saúde seja acolhedor com pessoas LGBTI+ se a formação desses profissionais não valoriza políticas de equidade?

Para elucidar as necessidades e características específicas, a seguir serão apresentadas as singularidades de mulheres lésbicas, homens *gays*, pessoas bissexuais e transexuais e travestis. Essa etapa é fundamental para elaboração de pautas e entrevistas disponíveis em *Saúde em suas cores*.

### 2.3.1 NECESSIDADES ESPECÍFICAS DAS MULHERES LÉSBICAS

Um fator importante em relação a mulheres lésbicas diz respeito à baixa utilização de serviços de saúde – que tem como principais motivos a discriminação, o despreparo dos profissionais, a dificuldade para se assumir e a negação do risco. Além disto, o fato destas pessoas terem, em geral, hábitos pouco saudáveis, como o consumo abusivo de drogas e álcool, associado a um grande sofrimento psíquico, resultado de uma vida inteira sendo alvo de violência no trabalho, na família e lugares públicos, também contribuem para baixa procura destes serviços. Outro ponto importante quando falamos da saúde mental e física de lésbicas é o contexto social em que vivem, com ansiedade, medo e expectativa de rejeição. (REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE, 2006).

A baixa frequência de idas a serviços de saúde faz com que mulheres lésbicas realizem exames de rotina, como o Papanicolau, com menor frequência e apenas busquem uma consulta quando estão com problemas avançados. (CARDOSO E FERRO, 2012; REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE, 2006). Além do receio de ser alvo de preconceito durante consultas, o mito de que o sexo entre mulheres não é capaz de transmitir doenças também contribui para a baixa procura pelos serviços assistenciais.

No que diz respeito às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) que podem ser contraídas pelas mulheres lésbicas é preciso compreender o risco enquanto o problema de saúde, uma vez que de fato o é, e pensar nas ~~e quais são as~~ suas formas e modos de transmissão, relativos ao número de parceiras, a frequência da atividade sexual, bem como os tipos de prática sexual e de higiene. A vaginose bacteriana, por exemplo, é uma patologia que se relaciona com determinados hábitos, como o número de parceiras e tabagismo, não sendo observada durante o contato sexual com homens. A frequência de atividade sexual está mais fortemente associada às DSTs do que ao número de parceiras em si. A variação do número de parceiras ao longo da vida e alguns alguns fatores relativos ao padrão de vida da parceira (ex.: se mantém relacionamentos com homens ou não, se é cis ou transgênero) também interferem na frequência das DSTs. Em relação á transmissão de HIV, este grupo é considerado como de baixo risco. (REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE, 2006, p. 26-27)

Quanto à saúde mental, altos níveis de sofrimento psíquico causado por um histórico de violência na família, trabalho e locais públicos, em comparação com a população heterossexual, também têm sido registrados neste grupo, entretanto, os casos

de violência doméstica são semelhantes em frequência nas duas populações. O uso abusivo de álcool, drogas ilícitas e tabagismo são comuns entre as mulheres lésbicas. (REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE, 2006, p. 20-21)

### 2.3.2 NECESSIDADES ESPECÍFICAS DE HOMENS GAYS

Ao se referir a homens gays tem-se como principal obstáculo a estigmatização e associação direta ao risco de contração de HIV. Apesar do risco existir e ser consideravelmente mais alto em homens gays, é preciso dar atenção à sua saúde de maneira integral. A forte associação com a doença epidêmica faz com que essa parcela da população se sinta constantemente inferior em relação a heterossexuais e muitas vezes se consideram incapazes de alcançar seus próprios objetivos, sonhos e desejos, gerando assim uma baixa autoestima. (CARDOSO E FERRO, 2012)

Os padrões de gênero e masculinidade também atingem esses homens, fator que podem resultar em uma piora na sua saúde mental. Segundo PEREIRA E LEAL:

Difundida a ideia de que o homossexual é ‘anormal’ ou ‘doente’ e promíscuo, ou seja, «os gays são assim...», instala-se uma dissonância cognitiva (por sustentar ao mesmo tempo ideias incompatíveis). Esta situação produz ansiedade, incerteza crônica e retracção emocional. «Eu não sou como os outros gays, logo tenho que me comportar de modo diferente!» [...] Este fenómeno confronta-nos com um paradoxo que se está a construir: para se ser um homossexual mais livre, há que ser ‘menos’ homossexual. (PEREIRA E LEAL, 2002, p. 112)

### 2.3.3 NECESSIDADES ESPECÍFICAS DE PESSOAS BISSEXUAIS

Dados sobre fatores que afetam a saúde de pessoas bissexuais são difíceis de serem encontrados. Enquanto encontrar pesquisas acadêmicas e reportagens sobre a saúde de mulheres lésbicas e homens *gays* são poucos, os encontrar materiais que refletissem sobre questões enfrentadas por bissexuais são praticamente inexistentes.

A maioria dos materiais encontrados que focam na saúde do grupo está em inglês e tem um acesso um pouco complicado em plataformas de pesquisa pagas.

O que se observa em relação a pessoas LGTBI+ é que a sexualidade, grande parte dos estudos e políticas públicas analisadas, é colocada como uma questão de

homossexualidade e à lesbianidade. Diversas fontes entrevistadas, neste trabalho, relataram como um obstáculo a invisibilização da bissexualidade - especialmente masculina - e a sensação de que a sua sexualidade é condicionada ao *status* do relacionamento atual. Ou seja, se um homem bissexual está se relacionando com um homem, é lido como *gay*; se está com uma mulher, como heterossexual. Assim como em mulheres lésbicas, também foi observado nas mulheres deste grupo com maior frequência o uso abusivo de álcool, drogas ilícitas e tabagismo.

Ainda devemos destacar que segundo ALBERTO (2018), a capacidade de pessoas bissexuais de se relacionar com pessoas de ambos os sexos é lida como um índice de promiscuidade. Segundo a autora:

O estereótipo que bissexuais têm simultaneamente relações com homens e mulheres ou que alternam as relações com homens e mulheres num esforço de satisfazer os dois lados do desejo é suportado por outro estereótipo comum, o de que a bissexualidade é uma fase ou uma forma temporária de sexualidade, adotada por pessoas que estão a passar pelo *comig out*, como lésbicas ou gays, ou a retomar a heterossexualidade. Dado que a bissexualidade é percebida como temporária ou uma transição, pessoas raramente estão dispostas a aceitar a reivindicação de bissexuais pela bissexualidade como valor nominal. (ALBERTO, 2018, p.19)

O comportamento retraído devido à dificuldade de assumir a sexualidade se repete nesse grupo, bem como o sofrimento psíquico motivado, pela sensação de solidão.

#### 2.3.4 NECESSIDADES ESPECÍFICAS DE PESSOAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS

A vulnerabilidade social deste grupo é inegável. Apenas o ato de chegar em um espaço de saúde já representa um grande desafio para travestis e transexuais. O desrespeito ao uso do nome social por vezes coloca essas pessoas em situação constrangedora e vexatória. O Brasil lidera os *rankings* de país que mais mata pessoas transgênero, segundo relatório da Transgender Europe<sup>4</sup>.

Outra grande questão relacionada à saúde de travestis está no fato de que geralmente têm baixa escolaridade e junto com a discriminação, muitas encontram apenas na prostituição a sua única fonte de renda e forma de se conectar com pessoas que têm

---

<sup>4</sup> Relatório referente ao ano de 2016, disponível em <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2019.

histórias e vivências semelhantes às suas.

Ademais, também foi observado nessa população a maior frequência de depressão, crises de ansiedade e sensação de pânico., É possível observar que doenças como a depressão se apresentam de forma muito mais intensa entre homens e mulheres transgêneros, e transexuais, e travestis.

O sofrimento causado pelo não reconhecimento no corpo biológico contribui para que esta população seja considerada como um grupo de risco na área de saúde mental. O processo transexualizador, que adequa o corpo biológico à identidade de gênero deve ser acompanhado por uma equipe médica e por psicólogos. O problema é que os serviços de saúde muitas vezes não possuem uma experiência neste procedimento. Ao se referir a transexuais masculinos, é preciso apontar o risco em administrar o uso de hormônios masculinos de alta dosagem sem acompanhamento profissional. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013)

Por fim, é preciso lembrar que a identidade de gênero e a orientação sexual não são sinônimos, sendo necessário também observar os riscos relacionados à orientação sexual de cada pessoa, bem como seus hábitos e preferências.

## 2.4 A COMUNIDADE LGBTI+ ENQUANTO PÚBLICO ALVO

Se a internet tem o poder de criar conexões entre semelhantes, a comunidade LGBTI+ encontra nesse espaço, um novo ambiente de luta e integração social., Dentro desta perspectiva, além de produzir conteúdos que objetivam despertar a consciência dessas pessoas a respeito de questões ligadas à sua saúde, *Saúde em suas cores*, também ~~quer~~ objetiva esclarecer e contribuir para a desestigmatização da temática perante a sociedade como um todo.

*Saúde em suas cores* visa ser um veículo seguro centrado na saúde da comunidade LGBTI+ para que este público encontre no site a facilidade de notícias e materiais relevantes às suas pesquisas. Em veículos de comunicação tradicionais o processo de “dar voz” a minorias sociais pode ser um pouco mais complexo, “ a orquestração das vozes sociais no jornalismo é estabelecida numa cadeia de relações que vão desde a identidade do veículo, passando pela peculiaridade de cada edição e de cada notícia.” (LEAL E CARVALHO, 2009, p. 10)

Tanto nos conteúdos produzidos pelo *Saúde em suas cores*, quanto nos conteúdos selecionados para estarem agregados ao site, é fundamental considerar a pluralidade dentro da comunidade LGBTI+, as inúmeras e únicas vivências dessas pessoas e as suas necessidades e carências específicas.

## 2.5 AGREGADORES DE NOTÍCIA E CULTURA DA CONVERGÊNCIA

Segundo Jenkins (2015) “no mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídias. [...] A circulação dos conteúdos depende fortemente da participação ativa dos consumidores.” Segundo o autor, a convergência é caracterizada pelo fluxo de conteúdos que circula por diversas plataformas de mídia, a relação colaborativa entre mercados midiáticos e, também, pelo público, que busca entretenimento em ambientes digitais diversos.

Se o conceito de jornalismo se relaciona ao suporte técnico e ao meio que permite que as informações sejam difundidas e se, similarmente o meio é a mensagem (MCLUHAN, 1964) é preciso assimilar em que consiste o jornalismo digital ou *webjornalismo*.

CANAVILHAS (2006) afirma que a possibilidade de produzir informação jornalística para a internet surge acompanhada de uma alteração tanto no processo de produção da notícia, quanto no seu consumo. O autor pontua também algumas características fundamentais do *webjornalismo*, como a interatividade, a relação de texto e hipertexto - bem como a liberdade na leitura e navegação entre textos, conectados entre si - além da possibilidade de misturar formatos como a imagem e o som.

Os agregadores de notícias revolucionam o jornalismo *online*, que é compreendido pela coleta e distribuição de informações através de redes de computadores - como a *Internet* - ou meios digitais (ROCHA, 2000). Esses sites surgem na era da *web 3.0*, definida como a evolução de uso e interação através da *Web* que a transforma em um banco de dados (NAIK E SHIVALINGAIAH, 2008).

Operacionalmente, o trabalho de republicar informações dentro de um site pode ser feito manualmente, pelo jornalista ou editor, ~~ou~~ um algoritmo ou ainda uma fusão desses dois trabalhos. (SANTOS 2016)

Além de agregar notícias, *Saúde em suas cores* também produz conteúdos próprios, em diversos formatos, podendo assim, preencher lacunas que foram observadas em outros veículos e, conseqüentemente, se consolidar enquanto uma fonte de informação credível. Para SANTOS, agregadores e produtores têm, entre si, uma relação de dependência mútua:

Os agregadores precisam dos produtores de notícias, porque vivem deles para garantir a sua sobrevivência online; e os media precisam dos agregadores para conseguirem chegar a mais públicos. Dessa forma, é uma relação simbiótica, pois ambos saem beneficiados. No fundo, os meios de comunicação estão a adaptar-se às novas realidades trazidas pelo jornalismo 3.0. (SANTOS, 2018, p. 5)

Os agregadores de notícias funcionam de maneiras diferentes. O *Google Notícias* (*Google News*) é um *feed aggregator*, ou seja, um *website* que agrega uma grande quantidade de outros *websites* e/ou *media* tradicionais, de acordo com fontes, assuntos ou histórias. O sistema funciona com um algoritmo, que escolhe quais são os conteúdos mais proeminentes na página, considerando principalmente a atualidade e sem participação de um jornalista/editor. Um segundo tipo de agregador é caracterizado por reunir conteúdos de diversas fontes e diversos veículos de comunicação, além de conteúdos produzidos por agências de notícias, tendo uma equipe de editores e jornalistas trabalhando dentro dele. Referências deste tipo de agregador são o MSN Notícias e o *Yahoo News*. A terceira modalidade é exemplificada por agregadores como o Sapo.pt e o *The Huffington Post*, que disponibilizam também conteúdos de parceiros, inclusive agências de notícias.(SANTOS, 2018)

Levando em consideração os aspectos citados acima, desde o início da construção de *Saúde em suas cores* já era possível entender que a navegação e visualização facilitadas seriam aspectos fundamentais para garantir a sua boa usabilidade - um dos motivos para, por exemplo, evitar instalar *pop ups* que não fossem estritamente necessários e que poderiam fazer com que o carregamento do site fosse mais lento. É importante destacar aqui também a dificuldade em encontrar materiais acadêmicos que auxiliem na construção de um agregador de notícias.

Não foram encontrados sites, blogs ou canais de comunicação que tratassem unicamente da saúde da comunidade LGBTI+ - nos espaços que abordavam a temática, esta era tratada mais uma categoria. Isso quer dizer que, ao selecionar os conteúdos que estariam disponíveis no site, não seria necessário exportar para ele todos os produzidos, apenas os que tratassem da temática. A escolha por produzir pequenos resumos dos materiais disponíveis no site - que não são de autoria própria - foi, também, por conta da dificuldade em encontrar *pop ups* que permitissem que os conteúdos agregados fossem selecionados, e não importassem todo o *feed* do veículo. Além disso, também houve a intenção de fazer um breve apanhado dos assuntos abordados para que, a partir daí, o leitor escolha se está interessado em prosseguir a leitura.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Aqui irei discorrer sobre as minhas experiências nas etapas de produção, elaboração e finalização de *Saúde em suas cores*, justificar escolhas feitas e resultados obtidos.

#### 3.1 IDENTIDADE VISUAL E DESIGN DE INTERFACE

Eu sabia que fazer com que *Saúde em suas cores* existisse seria, por si só, um grande desafio por inúmeros motivos. Um deles seria a minha falta de conhecimento tanto na área de *design gráfico*, quanto em programação e estrutura de sites. Apesar de reconhecer essa dificuldade, nunca perdi de vista a minha vontade de construir um site que me agradasse, esteticamente, e que tivesse uma identidade visual bem construída.

Minhas experiências, tanto na Produtora Júnior, quanto em estágios em agências de publicidade, contribuíram para que eu fosse assertiva e soubesse exatamente o que eu esperava de cada uma dessas etapas de produção do trabalho.

Quanto à identidade visual, optei por contratar um colega, Caio Marco, estudante de jornalismo da FACOM, que poderia desenvolver o conceito da marca e dar uma “cara” para este projeto. Antes de me reunir com ele, porém, fiz questão de levar um *briefing* bem estruturado, buscando referências de projetos relacionados à causa. Concordamos que a marca deveria transmitir seriedade, afinal, saúde é coisa séria, mas, também gostaria que algum elemento nela remetesse à bandeira do orgulho LGBTI+, para que quem a



olhasse, imaginasse do que se tratava. Apesar de ter esses direcionamentos, devo confessar que não fazia ideia de como essas ideias iriam se concretizar em uma só marca. Solicitei também para que a fonte escolhida transmitisse a ideia de sobriedade.

Busquei muitas referências que pudessem ilustrar melhor o que eu gostaria de fazer, encontrei algumas e enviei para que Caio conseguisse trabalhar a ideia. Eu sabia, também, que além do manual de identidade visual, eu gostaria que o site também seguisse a identidade visual mais *clean*, à qual me referi anteriormente.

Simultaneamente, comecei a pesquisar mais sobre as plataformas que fariam o site existir. Optei por usar um sistema de gerenciamento de conteúdo -SGC (em inglês, *content manager service* - CMS) por ter, dentro dele, a possibilidade de englobar conteúdos digitais em diversos formatos (vídeos, textos, imagens, áudio, dentre outros). Essas ferramentas, segundo LOPEZ e KRONIG (2014, p. 20): “são uma alternativa para o desenvolvimento de sites dinâmicos e atualizados constantemente, porque as funções básicas de criação de uma página, edição de conteúdo e publicação são consideravelmente simples”. A princípio, a ideia de desenvolver o site parecia interessante, mas, por motivos financeiros e de otimização de tempo, optei por utilizar um *template* pronto do *Wordpress* ao menos nessa etapa inicial - o Patch, pelo *design* simples e leve e que remete a *cards*, muito usados em agregadores de notícias. Escolhi comprar um plano no *Wordpress.com* por ter maior liberdade com relação às configurações do site e optei pelo plano Negócios, que também me garantiria um domínio próprio: [www.saudeemsuascores.com](http://www.saudeemsuascores.com).

Para o desenvolvimento da marca de *Saúde em suas cores*, era fundamental que ficasse claro que os pilares centrais do projeto seriam: comunicação, diversidade, rede de suporte e união. O elemento visual tem a intenção de traduzir todos esses aspectos, sempre interligados. As cores escolhidas são para facilitar o entendimento e apreensão acerca da temática do projeto.



Figura 1 - Marca *Saúde em suas cores*

A escolha de agregar conteúdo disponíveis *online* e, também, produzir conteúdo próprios se deu através de vivências e gostos pessoais, à princípio. Ainda quando cursei a disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação senti na pele uma grande dificuldade para encontrar conteúdos à respeito da comunidade LGBTI+. Julgava os que encontrava - em diversos formatos: artigos acadêmicos, matérias jornalísticas, vídeos, reportagens para TV, entrevistas, dentre outros - sempre muito difusos e poucos inovadores.

Para conseguir organizar melhor os conteúdos agregados no site e para facilitar a pesquisa de quem o acesse, escolhi dividi-los em quatro categorias, sendo estas: saúde física, saúde mental, saúde sexual e políticas públicas, sendo, esse último escolhido para facilitar o acesso, visualização e busca de políticas públicas voltadas para a saúde LGBTI+, a partir da premissa que devemos conhecer os nossos direitos e as iniciativas que têm como objetivo diminuir vulnerabilidades do grupo.

### 3.2 PROCESSO E PAUTAS

Na produção dos materiais aqui descrita, tentei ao máximo, abordar pautas específicas de cada grupo aqui descrito: mulheres lésbicas, homens *gays*, pessoas transexuais e bissexuais, e também uma grande pauta que englobasse toda a diversidade presente no grupo. Por falta de tempo hábil e disponibilidade de fontes, não consegui

desenvolver a matéria voltada para pessoas trans, que abordaria os desafios de produzir conteúdo *online* - em plataformas como o Youtube, por exemplo - voltados para essa temática, como fazem canais como o Transdiário, de Luca Scarpeli<sup>5</sup> e o canal de Lucca Najar<sup>6</sup>. Abaixo descrevo as quatro pautas que desenvolvi e podem ser acessadas em [saudemsuascores.com.br](http://saudemsuascores.com.br). Para encontrar as fontes que deram voz às matérias, contei com as redes sociais, - especialmente grupos no *facebook*, compartilhamentos no *instagram* e *twitter* - além de pessoas que conheci na minha trajetória pessoal e profissional.

**Título do post:** Larissa Darc quer falar com você sobre saúde sexual de lésbicas e bissexuais

**Desenvolvimento:** Entrevistei Larissa Darc, autora independente do livro “Vem cá: vamos falar sobre a saúde sexual de mulheres lésbicas e bissexuais” em maio de 2019. O livro, que foi produto de um trabalho de conclusão de curso, foi lançado em março do mesmo ano e rendeu uma boa repercussão - Larissa foi entrevistada pela Ponte Jornalismo, Agência Mural, Brasil de Fato, Portal Imprensa, Observatório G, Carta Capital, entre outros. Para fazer com que o livro se tornasse realidade, a autora entrevistou nove pessoas que se abriram com ela sobre suas experiências: sobre infecções, como a falta de informação em relação a métodos de barreira afetam e/ou afetaram as suas vidas, de que forma o atendimento médico deveria ser realizado, dentre outros assuntos. Produzi um perfil sobre a autora pois percebi que muito além de conteúdo técnico, a jornalista também fomenta diversas discussões relevantes - como a bifobia e a estigmatização.

**Título do post:** Homem com H: Sou homem, sou bi

**Desenvolvimento:** A matéria explora as vivências de homens bissexuais, os seus processos de compreensão e aceitação de sua sexualidade - junto à família, amigos e/ou interesses românticos - e de que maneira a masculinidade tóxica os atinge. Essa matéria foi motivada a partir das pesquisas para os conteúdos agregados, por conta da pouquíssima visibilidade desse grupo, que, diferente das mulheres bissexuais não tem uma carga de hipersexualização e fetichização em sua vivência. Acabam caindo, portanto, na ideia de que são *gays* enrustidos. Entrevistei e encontrei essas fontes através das redes

---

<sup>5</sup> O canal pode ser acessado no link <<https://www.youtube.com/channel/UCDZD4KvGmjKq-GTb5AXD0nQ>>

<sup>6</sup> O canal de Lucca Najar pode ser acessado no link <[https://www.youtube.com/channel/UC33ODj\\_jViL2YEKPM7yF0Iw/featured](https://www.youtube.com/channel/UC33ODj_jViL2YEKPM7yF0Iw/featured)>

sociais.

**Título do post:** Luta incessante: a saúde mental LGBTI+ após eleições 2018

**Desenvolvimento:** No dia em que escrevo esse texto, o governo Bolsonaro já está no poder há cinco meses. Junto com ele, ainda no período eleitoral, veio uma onda de calorosos discursos de ódio, divergências ideológicas que se revelaram através de afetos e desafetos por candidatos de lados opostos e, finalmente, um processo de polarização. As minorias sociais, como a população LGBTI+ começa a se sentir como alvo, não apenas de candidatos, mas também de vizinhos, familiares, conhecidos e desconhecidos. Realizei diversas entrevistas para que essa pauta se tornasse a matéria final, algumas *online*, outras presenciais - como, por exemplo a da psicóloga - para entender de que maneira os afastamentos e traumas gerados não apenas pelo período eleitoral, mas, também pelos primeiros meses de governo, afetou a saúde mental da comunidade LGBTI+ e quais mecanismos de proteção foram auxílios para a manutenção da saúde mental desse grupo.

**Título do post:** Discreto e fora do meio

**Desenvolvimento:** A matéria tem como objeto central os aplicativos de relacionamento de geolocalização direcionados para o público *gay*, especialmente o Grindr e de que maneira a homofobia se apresenta dentro desses espaços sociais. Foi criada uma conta para ter acesso aos *prints* usados para ilustrar a matéria e também para tentar encontrar ali, homens dispostos a dar uma entrevista sobre o assunto através do *chat* do próprio aplicativo. Além deste, também entrevistei outros usuários que têm diversas percepções a respeito do culto ao corpo e ao visual à finalidade que o utilizam.

### 3.3 SELEÇÃO DE NOTÍCIAS E CONTEÚDOS

O processo de seleção de notícias e conteúdos relevantes foi, sem dúvidas, o mais desafiador e árduo no longo caminho que percorri para fazer com que o projeto de *Saúde em suas cores* se concretizasse. Vasculhar a internet em busca de conteúdos de qualidade que tratassem a saúde LGBTI+ de maneira correta e respeitosa foi o aspecto que mais ocupou meu tempo na elaboração deste trabalho.

Um grande obstáculo foi encontrar trabalhos acadêmicos que servissem de apoio para a criação dessa espécie de biblioteca *online*, sendo muitos voltados apenas para a análise de agregadores de notícia que já existem e foram citados anteriormente. Além disso, por *Saúde em suas cores* ser voltado para um nicho muito específico, não faria sentido para o produto aqui proposto, então, agregar *feeds* diversos conteúdos que em nada se relacionavam à saúde de pessoas LGBTI+, apenas pois o veículo produziu um material voltado para o assunto. A alternativa encontrada foi produzir breves descrições/*releases* sobre os conteúdos agregados e realizar o direcionamento através de *hiperlinks*.

Portanto, o produto cria uma espécie de repositório digital que agrega os conteúdos disponíveis *online* mais relevantes nas quatro categorias já descritas acima. A jornada do usuário que acessar o site seguirá o esquema de buscar os conteúdos relevantes para a sua pesquisa no site (através da barra de busca ou das categorias), ler a descrição e, posteriormente ser redirecionado para o *link* da postagem original.

Para fazer as buscas de conteúdos utilizei plataformas como o próprio Google, por ser através dele que pessoas leigas fazem buscas mais informais. Para os materiais acadêmicos utilizei o Google Acadêmico e portais de busca específicos, como os Repositórios Institucionais de universidades. Além disso, também selecionei algumas referências bibliográficas usadas para a elaboração desse memorial para serem agregadas.

Abaixo, em tabela, todos os conteúdos externos agregados em *Saúde em suas cores* até a elaboração do memorial. A ideia é que sejam constantemente atualizados. Além de ser importante, para agregá-los, trazer conteúdos diversificados - em forma e conteúdo - para o público LGBTI+, é importante destacar que publicações que não reproduzem ideias preconceituosas. Em algumas redes sociais, como no Youtube, ao buscar conteúdos relacionados à saúde *trans*, encontrei, nas primeiras páginas vídeos com títulos transfóbicos - que, por exemplo, questionavam a veracidade da identidade de gênero de pessoas transexuais. Essas falhas no algoritmo de busca me chocaram bastante, pois acredito que os mecanismos de buscas e redes sociais devem ter responsabilidade acerca dos conteúdos que veicula ou aceita. Reforço que não queria reproduzir em *Saúde em suas cores* esse tipo de material.

CHAMADA	TÍTULO ORIGINAL	FORMATO	AUTORIA	PÚBLICO	ONDE ACESSAR	CATEGORIA
Saúde sexual	SAÚDE	Vídeo	Canal das Bee	Mulheres	<a href="https://www.youtube.com">https://www.youtube.com</a>	Saúde sexual

de mulheres lésbicas	SEXUAL PARA LÉSBICAS - Pergunte Às Bee 104			lésbicas cis	<a href="#">/watch?v=eTh4KDvfe2M</a>	
Saúde Trans: Terapia Hormonal	HORMÔNIOS CAUSAM DOENÇAS? - Luca Responde com Dr. Hamilton Junqueira	Vídeo	Transdiário	Pessoas trans	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=YLk2kJhYlx4">https://www.youtube.com/watch?v=YLk2kJhYlx4</a>	Saúde física
Saúde mental LGBTI+	Saúde Mental LGBTT – Estamos Fazendo o Suficiente?	Matéria jornalística	Patrick Cash, Vice	Pessoas LGBTI+	<a href="https://www.vice.com/pt-br/article/xyq5v3/saude-mental-lgbtt-estamos-fazendo-o-suficiente">https://www.vice.com/pt-br/article/xyq5v3/saude-mental-lgbtt-estamos-fazendo-o-suficiente</a>	Saúde mental
O atendimento médico para transexuais	Receber cuidados médicos é desafio para transexuais	Matéria jornalística	hellen leite, correio braziliense	Pessoas trans	<a href="http://especiais.correiobraziliense.com.br/receber-cuidados-medicos-e-desafio-para-transexuais">http://especiais.correiobraziliense.com.br/receber-cuidados-medicos-e-desafio-para-transexuais</a>	Saúde física
A falta de notoriedade que as pessoas trans recebem da Saúde no país.	Pessoas trans exigem o direito à saúde	Matéria jornalística	UNAIDS	Pessoas trans	<a href="https://unids.org.br/2018/01/pessoas-trans-exigem-o-direito-saude/">https://unids.org.br/2018/01/pessoas-trans-exigem-o-direito-saude/</a>	Saúde física
Diário de transição online	Transexuais mostram na internet processo de transição	Matéria jornalística	Thaís Cunha e Hellen Leite, correio braziliense	Pessoas trans	<a href="http://especiais.correiobraziliense.com.br/transsexualis-mostram-na-internet-processo-de-transicao">http://especiais.correiobraziliense.com.br/transsexualis-mostram-na-internet-processo-de-transicao</a>	Saúde mental
#Políticaparatodxs: O que esperar de políticas públicas para a comunidade LGBTI+ no governo Bolsonaro?	<b>Como ficam as políticas públicas LGBT+ no governo Bolsonaro</b>	Matéria jornalística	<b>MARCEL HARTMAN N, Gauchazh</b>	Pessoas LGBTI+	<a href="https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/01/como-ficam-as-politicas-publicas-lgbt-no-governo-bolsonaro-cjqfs412e0p1g01pizd2pa049.html">https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/01/como-ficam-as-politicas-publicas-lgbt-no-governo-bolsonaro-cjqfs412e0p1g01pizd2pa049.html</a>	Políticas públicas
#Políticaparatodxs: O impacto da retirada da população LGBT+ das diretrizes dos direitos humanos	Bolsonaro retira população LGBT de diretrizes de Direitos Humanos	Matéria jornalística	Poder 360	Pessoas LGBTI+	<a href="https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-retira-populacao-lgbt-de-diretrizes-de-direitos-humanos/">https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-retira-populacao-lgbt-de-diretrizes-de-direitos-humanos/</a>	Políticas públicas
Quem olha pela saúde sexual da relação entre dois homens?	<b>Saúde gay e bissexual: refém do heterossexismo e o órfã dos Direitos Humanos</b>	Matéria jornalística	Henrique Contreiras, ABIAIDS	Homens gays e bissexuais	<a href="http://abiids.org.br/saude-gay-e-bissexual-refem-do-heterossexismo-e-orfa-dos-direitos-humanos/29143">http://abiids.org.br/saude-gay-e-bissexual-refem-do-heterossexismo-e-orfa-dos-direitos-humanos/29143</a>	Saúde sexual

Cuidados na relação sexual entre mulheres	Quais cuidados devem ser tomados em relações sexuais entre mulheres	Matéria jornalística	Naiara Albuquerque, Nexo	Mulheres cis, lésbicas e bissexuais	<a href="https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/28/Quais-cuidados-devem-ser-tomados-em-rela%C3%A7%C3%B5es-sexuais-entre-mulheres">https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/28/Quais-cuidados-devem-ser-tomados-em-rela%C3%A7%C3%B5es-sexuais-entre-mulheres</a>	Saúde sexual
DSTs transmitidas no sexo entre mulheres	É possível a transmissão de doenças pelo sexo lésbico?	Vídeo	Drauzio Varella	Mulheres cis, lésbicas e bissexuais	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=L_xQP7mNHUY">https://www.youtube.com/watch?v=L_xQP7mNHUY</a>	Saúde sexual
Ser gay: uma questão de saúde pública	Ser gay e a saúde pública	Matéria jornalística	Danilo Thomaz, le monde diplomatique brasil	Homens gays e bissexuais	<a href="https://diplomatie.org.br/ser-gay-e-a-saude-publica/">https://diplomatie.org.br/ser-gay-e-a-saude-publica/</a>	Saúde mental
Homens buscam menos os serviços de saúde que mulheres?	Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior.	Artigo acadêmico	Romeu Goms, Elaine Ferreira do Nascimento e Fábio Carvalho de Araújo	Pessoas LGBTI+, público em geral	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2007000300015&amp;script=sci_abstract&amp;tlng=pt">http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2007000300015&amp;script=sci_abstract&amp;tlng=pt</a>	Artigos acadêmicos
Como posso me proteger no sexo lésbico?	<a href="#">#EuFaloSobre - Sexo Entre Elas 2</a>	Vídeo	Gabriel estrela e Jessica Tauane	Mulheres lésbicas e bissexuais cis	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=XWDOb1hNZng">https://www.youtube.com/watch?v=XWDOb1hNZng</a>	Saúde sexual
Como a heterossexualidade compulsória atinge as mulheres lésbicas?	Heterossexualidade compulsória, lesbofobia e resistência	Matéria jornalística	QG feminista	Mulheres lésbicas	<a href="https://medium.com/qg-feminista/heterossexualidade-compuls%C3%B3ria-lesbofobia-e-resist%C3%Aancia-56915992bdd2">https://medium.com/qg-feminista/heterossexualidade-compuls%C3%B3ria-lesbofobia-e-resist%C3%Aancia-56915992bdd2</a>	Saúde mental
Além da cirurgia: a saúde integral do SUS atende à população trans?	Saúde trans para além da cirurgia: a política do sus de atenção integral à saúde da população T	Matéria jornalística	Lucas Moraes Santos, Revista Construção	Pessoas trans	<a href="http://revistaconstrucao.org/saude-publica/saude-trans-politica-sus-para-populacao-t/">http://revistaconstrucao.org/saude-publica/saude-trans-politica-sus-para-populacao-t/</a>	Saúde mental
Como posso acolher uma pessoa T no serviço de saúde?	Como acolher a população transexual na Atenção Primária em Saúde?	Matéria jornalística	nucleo de telessaúde Santa Catarina	Pessoas trans	<a href="https://aps.bvs.br/aps/como-acolher-a-populacao-transexual-na-atencao-primaria-em-saude/">https://aps.bvs.br/aps/como-acolher-a-populacao-transexual-na-atencao-primaria-em-saude/</a>	Saúde mental
#Políticaparatodxs: Homens Gays e Bissexuais: Direitos, Saúde e Participação	Homens Gays e Bissexuais: Direitos, Saúde e Participação Social	Cartilha	ia de Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio à Gestão	Homens gays e bissexuais	<a href="http://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/agosto/08/Cartilha-Gays-e-Bi-saude-direito-part-miolo.pdf">http://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/agosto/08/Cartilha-Gays-e-Bi-saude-direito-part-miolo.pdf</a>	Políticas públicas

Social			Participativa			
A falta de apoio do LGBT+ é o gatilho para doenças mentais	Orientação sexual não causa doença mental. Mas falta de apoio sim	Matéria jornalística	Ana Luísa Moraes, Saúde	Pessoas LGBTI+	<a href="https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/orientacao-sexual-nao-causa-doenca-mental-mas-falta-de-apoio-sim/">https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/orientacao-sexual-nao-causa-doenca-mental-mas-falta-de-apoio-sim/</a>	Saúde mental
#Políticaparatox: Brasil sem Homofobia	Brasil Sem Homofobia Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual	Cartilha	Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Combate à Discriminação	Pessoas LGBTI+	<a href="http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf">http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf</a>	Políticas públicas
Salvador contará com Conselho Municipal LGBTI+	Salvador contará com Conselho Municipal LGBTI+	Matéria jornalística	Guia Gay Salvador	Pessoas LGBTI+	<a href="https://www.guiagaysalvador.com.br/noticias/cidadania/religiosos-sao-derrotados-e-salvador-tera-conselho-municipal-lgbt?fbclid=IwAR26NfLRq8iz-M2iuYzLnmGxjOGEEWq1gzWskJI0Mc5IabZGFJGosMOWg0g">https://www.guiagaysalvador.com.br/noticias/cidadania/religiosos-sao-derrotados-e-salvador-tera-conselho-municipal-lgbt?fbclid=IwAR26NfLRq8iz-M2iuYzLnmGxjOGEEWq1gzWskJI0Mc5IabZGFJGosMOWg0g</a>	Políticas públicas
Como se prevenir no sexo lésbico?	Sexo lésbico: como se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis	Matéria jornalística	ISABELA SERAFIM, Glamour	Mulheres lésbicas e bissexuais cis	<a href="https://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2017/09/sexo-lesbico-como-se-prevenir-de-doencas-sexualmente-transmissiveis.html">https://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2017/09/sexo-lesbico-como-se-prevenir-de-doencas-sexualmente-transmissiveis.html</a>	Saúde sexual
Cuidado com o mito: ISTs entre mulheres existem!	Quais são as doenças transmissíveis no sexo entre as mulheres?	Matéria jornalística	Superinteressante	Mulheres lésbicas e bissexuais cis	<a href="https://super.abril.com.br/saude/quais-sao-as-doencas-transmissiveis-no-sexo-entre-duas-mulheres/">https://super.abril.com.br/saude/quais-sao-as-doencas-transmissiveis-no-sexo-entre-duas-mulheres/</a>	Saúde sexual
Por dentro da vulnerabilidade do homem bi	Bissexuais são mais vulneráveis ao preconceito e ao suicídio do que gays e lésbicas	Matéria jornalística	Lado A	Homens bissexuais	<a href="https://revistaladoa.com.br/2014/09/noticias/bissexuais-sao-mais-vulneraveis-ao-preconceito-ao-suicidio-que-gays-lesbicas/">https://revistaladoa.com.br/2014/09/noticias/bissexuais-sao-mais-vulneraveis-ao-preconceito-ao-suicidio-que-gays-lesbicas/</a>	Saúde mental
O consultório médico: um campo de batalha para mulheres lésbicas	Lésbica não pega doença? Elas contam por que deixam de ir ao ginecologista	Matéria jornalística	Talyta Vespa (Universa)	Mulheres lésbicas	<a href="https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/30/lesbica-nao-passa-doenca-elas-contam-por-que-deixam-de-ir-ao-ginecologista.htm">https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/30/lesbica-nao-passa-doenca-elas-contam-por-que-deixam-de-ir-ao-ginecologista.htm</a>	Saúde sexual
A fetichização da mulher bissexual	Parem de achar que a vida dos bissexuais gira em torno de	Matéria jornalística	Sueli Feliziani, Vice	Mulheres bissexuais	<a href="https://www.vice.com/pt-br/article/4354xg/parem-de-achar-que-a-vida-dos-bissexuais-gira-em-torno-">https://www.vice.com/pt-br/article/4354xg/parem-de-achar-que-a-vida-dos-bissexuais-gira-em-torno-</a>	Saúde mental



	sexo				<a href="#">de-sexo</a>	
Pesquisa mapeia hábitos sexuais da comunidade LGBTI+	Mosaico Brasil	Pesquisa acadêmica	Profª Drª Carmita Abdo	Pessoas LGBTI+	<a href="http://sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf">http://sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf</a>	Saúde sexual
Ser bissexual: um fator decisivo para a saúde mental	A bissexualidade como fator de desigualdade social na saúde mental	Matéria jornalística	Larissa Rainey, A Medium Corporation	Pessoas bissexuais	<a href="https://medium.com/@larissarainey/a-bissexualidade-como-fator-de-desigualdade-social-na-sa%C3%BAde-mental-2a6c849dcae3">https://medium.com/@larissarainey/a-bissexualidade-como-fator-de-desigualdade-social-na-sa%C3%BAde-mental-2a6c849dcae3</a>	Saúde mental
Saúde mental LGBTI+	Saúde Mental LGBTT – Estamos Fazendo o Suficiente?	Matéria jornalística	Patrick Cash, Vice	Pessoas LGBTI+	<a href="https://www.vice.com/pt-br/article/xyq5v3/saude-mental-lgbtt-estamos-fazendo-o-suficiente">https://www.vice.com/pt-br/article/xyq5v3/saude-mental-lgbtt-estamos-fazendo-o-suficiente</a>	Saúde mental
#POLÍTICAPARATODXS: O LUGAR DO LGBTI+ DENTRO DE UMA SOCIEDADE QUE O SEGREGA E EXCLUI	Diversidade Sexual e Política Nacional de Saúde Mental: Contribuições pertinentes dos sujeitos insistentes	Artigo acadêmico	Marco José de Oliveira Duarte	Pessoas LGBTI+	<a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/articloe/view/2935/2099">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/articloe/view/2935/2099</a>	Saúde mental
O atendimento trans no SUS	Como funciona o SUS para pessoas transexuais?	Matéria jornalística	Luana Viana, Portal Dráuiu Varella	Pessoas trans	<a href="https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/como-funciona-o-sus-para-pessoas-transexuais/">https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/como-funciona-o-sus-para-pessoas-transexuais/</a>	Saúde física
Especificidades da saúde LGBTI+	Saúde e população LGBT demandas e especificidades em questão	Artigo acadêmico	Michelle Rodrigues Cardoso, Luís Felipe Ferro	Público em geral	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6133775">https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6133775</a>	Artigos acadêmicos
Comunicação LGBTI+: como fazer?	Manual de Comunicação LGBTI+	Manual	Aliança Nacional LGBTI e GayLatino	Profissionais de comunicação	<a href="http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf">http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf</a>	Comunicação
Aspectos de saúde da mulher lésbica	Saúde das mulheres lésbicas: Promoção da equidade e da integralidade	Dossiê	Rede Feminista de saúde	Mulheres lésbicas, bissexuais, profissionais de saúde	<a href="http://www.cfess.org.br/arquivos/dossie_da_saude_da_mulher_lesbica.pdf">http://www.cfess.org.br/arquivos/dossie_da_saude_da_mulher_lesbica.pdf</a>	Artigos acadêmicos
Saúde gay e homofobia internatizada	A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens	Artigo	Henrique Pereira e Isabel Leal	homens gays e bissexuais	<a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_artext&amp;pid=S0870-82312002000100010&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_artext&amp;pid=S0870-82312002000100010&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a>	Artigos Acadêmicos

	homossexuais					
#Políticaparato dxs: Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais	Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais	Política pública	Ministério da saúde	Pessoas LGBTI+	<a href="http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf">http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf</a>	Políticas públicas
O histórico do movimento LGBTI+ brasileiro	De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento lgbt brasileiro	Artigo acadêmico	Regina Facchini ; Isadora Lins França	Público em geral, pessoas LGBTI+	<a href="http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322974004">http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322974004</a>	Artigos acadêmicos

Tabela 1: Conteúdos disponíveis no site *Saúde em suas cores*

Com a seleção e curadoria destes conteúdos pude perceber alguns aspectos na pesquisa em material de saúde voltado para a comunidade LGBTI+. Essa etapa reforçou a minha impressão que, apesar da comunidade andar junta enquanto movimento, não pode, de maneira alguma ser compreendida enquanto uma coisa só. Observei que, quando falamos de relações entre mulheres encontramos muito conteúdo voltado para a saúde sexual e, poucos que tratam da sua saúde mental. Já ao tratar de pessoas transexuais, poucos materiais são encontrados sobre a sua saúde sexual. De que maneira poderemos nos proteger e cuidar?

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver esse projeto foi um desafio ainda maior do que eu imaginei que seria. O mundo LGBTI+ é enorme: suas pautas são fundamentais, seus direitos são inegociáveis e sua visibilidade ainda tem muito a crescer. O que me motivou a dar o pontapé inicial neste projeto foram carências e demandas que vinham de mim e de amigos próximos, mas, o que me fez concluí-lo foram tantas pessoas que eu provavelmente nunca conhecerei.

O meu desenvolvimento pessoal acompanhou o desenvolvimento do projeto. Tive a oportunidade de me apaixonar por esse projeto a cada depoimento colhido, artigo lido e post feito. Aprendi, com certeza, que com planejamento e organização até os projetos

mais distantes se tornam reais.

Encontrar materiais acadêmicos que embasassem a pesquisa foi também uma etapa muito difícil e me fez compreender que a saúde precisa olhar mais para as pessoas LGBTI+. As pautas que desenvolvi buscam preencher lacunas, mas faço isso a partir do meu lugar enquanto estudante de comunicação. A sociedade e a academia precisam, também se mobilizar. Materiais que tratassem da bissexualidade masculina, de transexuais femininas, dentre outros, foram bastante difíceis de serem encontrados.

Marco aqui também a urgência na mudança em alguns mecanismos de busca, como o Youtube, que, ao procurar conteúdos relacionados à transexualidade, exhibe, em suas primeiras páginas e resultados, conteúdos transfóbicos.

Na pesquisa e desenvolvimento de *Saúde em suas cores* percebi que o trabalho que iniciei e descrevi aqui não poderia acabar. Faltam estudos, faltam mecanismos e falta informação para *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais cuidarem de si mesmos em uma sociedade que os deslegitima e agride contínua e violentamente.

A comunidade LGBTI+ é colorida e seus tons e matizes são infinitos: a estigmatização e a generalização devem ser combatidas. Dentro dela, as vivências são diversas, dores e anseios são únicos. Um dia me disseram que esse trabalho era muito grande para ser feito sozinha. E realmente, acredito que seja.

Por fim, espero contribuir para a pesquisa na área da saúde LGBTI+ e levar informação para consultórios médicos, salas de aula e mesas de bar. Falar sobre as nossas necessidades de saúde (mental, física e sexual) e os nossos direitos é urgente. Em um ano que desestabilizou meus companheiros de luta (e eu também), desejo que juntos, nós demos o pontapé para mudar nossas próprias vidas. Não posso dizer aqui que serei responsável por mudar a maneira que meios de comunicação retratam pessoas LGBTI+, mas deixo aqui a minha contribuição. O cuidado é para hoje e as nossas exigências, para ontem.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Joana Almoester. Bissexualidade(s): crenças e opiniões. 2018. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Especialização em Psicologia da Educação, Departamento de Psicologia, Universidade de Évora, Évora, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10174/23426>>. Acesso em: 26 maio 2019.
- ALBUQUERQUE, Alfram Roberto Rodrigues de; LIMA-MARQUES, Mamede. SOBRE OS FUNDAMENTOS DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 1, n. , p.60-72, out. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/10827/6075>>. Acesso em: 26 maio 2019.
- BENTO, Berenice. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Primeiros Passos).
- BLATTMANN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0 *Collaboration and interaction on Web 2.0 and Library 2.0 p. 191-215*. Revista ACB, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 191-215, nov. 2007. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://www.revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530/664>>. Acesso em: 16 maio 2019.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cad. Pagu*, Campinas , n. 26, p. 329-376, Junho 2006 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 abr. 2019.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 235 p. Tradução de Renato Aguiar. Disponível em: <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2019.
- CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de. Metodologia de desenvolvimento de ambientes informacionais digitais a partir dos princípios da arquitetura da informação. 2010. 289 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103357>>. Acesso em 26 mai. 2019.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. BOCC– Biblioteca online de ciências da comunicação, 2006.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. 2003 ed. Rio de janeiro: Jorge Zahar LTDA., 1942.
- COUTINHO, Fernanda P. Crowdsourcing: A influência da internet na comunicação como base dos processos gregários. Especialização em Comunicação Digital. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. 2012.
- CULT - REVISTA BRASILEIRA DE CULTURA. São Paulo: Editora Bregantini, jun. 2018. Mensal.
- FACCHINI, Regina, LINS FRANÇA, Isadora, De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana [en línea]* 2009, (Sem mes). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322974004>>. Acesso em 1 mai. 2019.
- FENAJ. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: <[https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 31 março 2019.

- GOMES, Marília; KURY, Glaura. A Evolução do Marketing para o Marketing 3.0: o Marketing de Causa. In: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Mossoró. 2013. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0945-1.pdf>>. Acesso em 28
- GOMES, Wilson; BARROS, Samuel. Influência da mídia, distância moral e desacordos sociais: um teste do efeito de terceira pessoa. Teorias da comunicacao no brasil, [S.L.], n.11, p.111-222, out./mai. 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/266737046\\_influencia\\_da\\_midia\\_distancia\\_mora\\_l\\_e\\_desacordos\\_sociais\\_um\\_teste\\_do\\_efeito\\_de\\_terceira\\_pessoa](https://www.researchgate.net/publication/266737046_influencia_da_midia_distancia_mora_l_e_desacordos_sociais_um_teste_do_efeito_de_terceira_pessoa)>. Acesso em: 02 mai. 2019.
- GUIMARÃES, Ítalo José Bastos; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira de. Reflexões sobre Arquitetura da Informação para dispositivos móveis. em Questão, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p.267-288, jan. 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6141942>>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOGENBOOM, Melissa. O mistério da homossexualidade em animais. BBC News. Disponível em <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150211\\_vert\\_earth\\_animais\\_homossexuais\\_ml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150211_vert_earth_animais_homossexuais_ml)>. Acesso em 24 mai. 2019.
- KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. Marketing 4.0: do tradicional ao digital. Sextante, 2017.
- LISBOA, Jessica; LUANA, Jessica. A INVISIBILIDADE DA SAÚDE DA POPULAÇÃO LGBT: uma reflexão acerca da homofobia presente nos espaços institucionais de saúde. VII JORNADA INTERNACIONAL políticas públicas, Maranhão, v. 6, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/a-invisibilidade-da-saude-da-populacao-lgbt-uma-reflexao-acerca-da-homofobia-presente-nos-espacos-institucionais-de-saude.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2019.
- LEAL, B.; CARVALHO, C. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?. E-Compós, v. 12, n. 2, 26 out. 2009.
- LOPEZ, Jessica Hofer; KRONIG, Rosangela. Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo para a Dinamização de Sites. FaSCi-Tech, v. 1, n. 8, 2016. Disponível em <<http://www.fatecsaocaetano.edu.br/fascitech/index.php/fascitech/article/view/86>>. Acesso em 26 de maio de 2019.
- MELLO, Luiz; BRAZ, Camilo; ALMEIDA DE FREITAS; Fátima Regina; Bruno de Avelar, Rezende, Questões LGBT em debate: sobre desafios e conquistas. Sociedade e Cultura [online] 2012, 15 (Janeiro-Junho). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70324609019>>. Acesso em: 2 mai. 2019.
- MEMORIAS REVELADAS. Relatório cnv volume\_1\_digital. Disponível em: <[http://www.memoriasreveladas.gov.br/administrator/components/com\\_simplefilemanager/uploads/cnv/relat%20cnv%20volume\\_1\\_digital.pdf](http://www.memoriasreveladas.gov.br/administrator/components/com_simplefilemanager/uploads/cnv/relat%20cnv%20volume_1_digital.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2019.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais. Brasília: 2013. Disponível em

- <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_lesbicas\\_gays.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf)>  
Acesso em 10 maio 2019.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem (Understanding media). 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MUNIZ, Alexsandro Diaz; SILVA, Daniela da Regina da. Sexualidade e Gênero, p. 2, dez. 2017. Disponível em: <[http://www.servi.adm.br/arquivo/servi\\_20090930\\_162804.pdf](http://www.servi.adm.br/arquivo/servi_20090930_162804.pdf)>. Acesso em 22 maio 2019.
- NAIK, U.; SHIVALINGAIAH, D.; Comparative study of Web 1.0, Web 2.0 and Web 3.0. 2008. Disponível em: <<http://www.ftsm.ukm.my/ss/Book/Comparative%20Study.pdf>>  
Acesso em 26 maio 2019
- OS PRINCÍPIOS de Yogyakarta: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Yogyakarta, Indonésia, 2006.
- PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. Aná. Psicológica, Lisboa, v. 20, n. 1, p. 107-113, jan. 2002. Disponível em:  
<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312002000100010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312002000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 mai. 2019.
- REIS, Guilherme Almeida dos. Centrando a Arquitetura de Informação no usuário. 2007. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>. Acesso em mai. 2019.
- REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE. Saúde das mulheres lésbicas: Promoção da equidade e da integralidade. Belo Horizonte, 2006. Disponível em <[http://www.cfess.org.br/arquivos/dossie\\_da\\_saude\\_da\\_mulher\\_lesbica.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/dossie_da_saude_da_mulher_lesbica.pdf)>. Acesso em 07 mai. 2019.
- ROCHA, Dais Gonçalves; SOUZA, Dyana Helena de e CAVADINHA, Edu. Equidade nos cursos de graduação em Saúde: marco legal, desafios políticos e metodológicos. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2019, v. 23, e180017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.180017>>. Acesso em 10 mai. 2019.
- ROCHA, José Antônio Meira da. **Entendendo o jornalismo online**. 2000. Disponível em: <<http://meiradarocha.jor.br/news/2000/12/31/entendendo-o-jornalismo-online/comment-page-2/>>. Acesso em: 28 maio 2019.
- RUBLESCKI, Anelise Silveira. Jornalismo Líquido: mediação multinível e notícias em fluxo. 2011. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32526>>. Acesso em: 12 mai. 2019.
- SANTOS, Daniela. Jornalismo 3.0: o impacto dos agregadores de notícias online no negócio da informação. Estudos em Comunicação, [s.l.], v. 1, n. 27, p.1-23, 18 dez. 2018. Universidade da Beira Interior. <http://dx.doi.org/10.20287/ec.n27.v1.a01>. Acesso em 12 maio 2019

SARMENTO E SOUZA, Maria Fernanda. Periódicos científicos eletrônicos: apresentação de modelo para análise de estrutura. 2002. 154 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93718>>. Acesso em 12 maio 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Cad. Pagu, Campinas , n. 28, p. 19-54, June 2007 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26 de maio de 2019.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 20, n. 3, p. 8-15, Sept. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 mar. 2019.

WOLLINGER, Paulo Roberto. Educação em tecnologia no ensino fundamental: uma abordagem epistemológica. 2016. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/21328>>. Acesso em: 25 mai. 2019.